

**Sarau Virtual:**  
**arte e resistência no entre das telas**

**Andréia Regina de Oliveira Camargo, Italo Butzke,  
Thaise Vieira de Araujo**

## Sarau Virtual: arte e resistência no entre das telas

## Virtual soiree: arte and resistance between screens

Andréia Regina de Oliveira Camargo<sup>1</sup>

Ítalo Butzke<sup>2</sup>

Thaise Vieira de Araujo<sup>3</sup>

---

1. Graduada em Pedagogia pela UNESP, Mestre em Educação pela UNICAMP e Doutora em Educação pela UNESP, Rio Claro. Professora EBTT no Núcleo de Educação Infantil NEI Paulistinha, na UNIFESP, e Pós-doutoranda na UFSCar, campus Sorocaba. Pesquisadora dos Grupos de pesquisa IMAGO - Laboratório da Imagem, Experiência e Criação, CRIEI - Grupo de pesquisas e estudos a respeito das crianças, educação infantil e estudos da infância, e Acriança - Grupo de pesquisa sobre e com bebês, crianças e infâncias, da UNIFESP. E-mail: acamargo13@unifesp.br. ORCID:0000-0002-1158-2814.

2. Mestrando em Artes da Cena no Célia Helena, especialista em Contação de História pela Casa Tombada e graduado em Educação Artística. Artista-educador no Núcleo de Educação Infantil Paulistinha - UNIFESP. Membro dos Grupos de pesquisa Acriança e CRIEI - Grupo de pesquisas e estudos a respeito das crianças, educação infantil e estudos da infância, e do Núcleo de Educação e Estudos da Infância, ambos da UFSCar, campus So. E-mail: italobutzke@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-6419-3276.

3. Graduada em Pedagogia pela USP e Mestre em Ciências pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Núcleo de Educação Infantil Paulistinha - UNIFESP. Doutoranda pelo PPGE da UFSCar - Sorocaba. Integrante dos Grupos de pesquisa CRIEI, da UFSCar, e ACRIANÇA, do NEI Paulistinha - Unifesp. E-mail: thaisevieira@gmail.com. ORCID: 0000-0002-9540-271X.

## Resumo

O presente relato busca compartilhar a experiência do Curso de Extensão Sarau Virtual, organizado e promovido no ano de 2020 por docentes do Núcleo de Educação Infantil Paulistinha, Universidade Federal de São Paulo. Oferecido de forma online pela plataforma Google Meet à jovens e adultos/as interessados na temática arte e infância, o Sarau Virtual objetivou promover um espaço de escuta, encontros, vivências e manifestações artísticas, entrelaçando arte e infância, permitindo ao grupo de participantes a ampliação do repertório, formação estética, poética, arteira e «crianceira». Construído com atenção especial aos profissionais da educação da infância, o Curso de Extensão Sarau Virtual buscou provocar e mobilizar pensamentos e ações, considerando a arte enquanto potência para as produções e experiências que perpassam e conectam corpo, cultura e todas as dimensões do ser humano. Observamos aqui como cada encontro, mediado por uma convidada/convidado externo, com temáticas e artistas homenageadas/homenageados (entre elas, “A arte que me toca”; “Conceição Evaristo”; “Franz Krajcberg”; “Família” e “Esopo e suas fábulas”), gerou manifestações artísticas relacionadas às histórias de vida das e dos participantes e possibilitou o estabelecimento de parcerias entre diferentes instituições e profissionais de distintas áreas e especialidades. Ao longo dos encontros, as e os participantes manifestaram a arte por meio de poemas, desenhos, canções, dramatizações e composições, de modo que o Sarau Virtual se constituiu como uma experiência coletiva, de partilha, criações e conexões de corpos no entre das telas.

**Palavras chave:** Sarau artístico virtual. Arte e infância. Experiência coletiva. Prática extensionista.

## Abstract

The present report seeks to share the experience of the Virtual Soiree Extensionist Course, organized and promoted in the year 2020 by teachers of the Paulistinha Children's Education Center of the Federal University of São Paulo. Offered online by the google meet platform to young people and adults interested in art and childhood, the virtual soiree aimed to promote a listening space, meetings, experiences and artistic manifestations, interweaving art and childhood, giving the group of participants the opportunity to expand the repertoire, aesthetic formation, poetic, artsy and infantile. With special attention to childhood education professionals, the course sought to provoke and mobilize thoughts and actions, considering art as a power for productions and experiences that permeate and connect body, culture and all dimensions of the human being. Each meeting was mediated by a guest/external guest, with honored/honored artists-themed - “The art that touches me” - artistic manifestations related to the participants' life history; “Conceição Evaristo”; “Franz Krajcberg”; “Family”; “Esopo and its fables”, enabling the establishment of partnerships between different institutions and professionals from different areas and specialties. Throughout the meetings, the participants manifested

the art through poems, songs, dramatizations, compositions and virtual soiree was constituted as a collective experience, of sharing, creations and body connections between screens.

**Keywords:** Virtual artistic soiree. Art and infantile. Collective experience. Extensionist practice.

O curso de extensão Sarau Virtual foi concebido como um espaço de escuta, manifestação artística e de diálogo com a arte e a infância. Realizado no segundo semestre do ano de 2020, em encontros virtuais mensais de agosto a dezembro, abriu inscrições através do site da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP. Consideramos como público alvo jovens e adultos de todo o país, interessados pela temática ou que atuassem com a infância em espaços formais e não formais de educação. Foi assim que o curso de extensão, em sua primeira e única edição, atraiu participantes de diversas áreas, tais como pedagogia, letras, ciências sociais, artes visuais, biblioteconomia e assistência social, entre profissionais e estudantes de Graduação. Todas as participantes declararam ser do sexo feminino; uma residente no Estado da Paraíba e as demais, no Estado de São Paulo. Uma participante atestou baixa visão e outra, deficiência auditiva.

O objetivo da proposta foi promover encontros e experiências coletivas com as diferentes linguagens da arte, a fim de promover a ampliação do repertório individual, assim como a formação estética, poética, arteira e «crianceira» de jovens e adultos, com especial atenção aos profissionais que atuam com bebês e crianças. Acredita-se que dialogar com os campos da arte e da infância, entrelaçando pedagogia, filosofia da diferença e demais áreas, visando a formação humana, possa ampliar as formas de pensar, sentir, experienciar, intervir, inventar, expressar, imaginar e criar na vida adulta e, assim, impactar na qualidade das ações educativas que acontecem em espaços formais e não formais de educação.

O Sarau Virtual é uma ação do Projeto de Extensão “Arte e Infância”, do Núcleo de Educação Infantil (NEI) Paulistinha, da Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP, coordenado por duas docentes do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico e um docente de arte da referida instituição. Pensada anteriormente à pandemia, a proposta de ação de Projeto deveria acontecer presencialmente, no entre dos corpos pulsantes das e dos participantes. Naquele momento, não almejavamos, tampouco acreditávamos na possibilidade de sua realização no espaço virtual.

Com sede e fome de arte, já mobilizados(as) pelas angústias e afetações potencializadas com a pandemia, o distanciamento social e a crise governamental, desenhamos a realização do curso Sarau Virtual, tensionando nossas relações com os espaços concretos e virtuais, em busca dos espaços imaginário e subjetivo. Como sugerem Prado e Goettems:

[...] o espaço capaz de ser sentido, pensado, construído e vivido através e pelos corpos. Nesse sentido, o espaço não existe a priori, ele se constitui e é criado a partir das interações e das relações humanas. Podemos nos questionar, desta maneira: precisamos de um espaço (lugar físico) para as propostas em dança, ou podemos atribuir esse valor a um espaço qualquer? Como se dá a relação com os espaços concretos, imaginários e subjetivos que as crianças apresentam através dos seus movimentos? (PRADO; GOETTEMS, 2019, p. 45).



Figura 1. Cartaz da ação Sarau Virtual, de Ítalo Butzke Produção integrante do acervo do artista.

O resgate da experiência foi sendo feito ao longo do processo, por meio das conversas coletivas e das criações do grupo, assim como ocorreu nas escritas que recebemos posteriormente e nos encontros de avaliação, que mantivemos entre os e as coordenadoras. Andréia Regina de Oliveira Camargo, sob o pseudônimo de AROC, grafa em seus Escritos avaliativos a atmosfera da pandemia, que deu o contexto dos Saraus. Ela conta, num poema:

Pandemia viral e governamental

Ruas

Lotadas

Uberizadas

Corpos

Adoecem

Desaparecem

Casas

Habitadas

Desoladas

Trabalhos

Essenciais

Mortais

Política

Necro

Fascista

Vidas

Descartáveis

Vulneráveis

Espoliadas

Exterminadas

AROC, 23/06/2020

(CAMARGO, 2020, s.p.).

Almejado como espaço de escuta e manifestação artística, lançamos publicamente um convite para dialogarmos sobre a arte e a infância, no entre das telas, como um movimento de compartilhamento de sentimentos, afetos, ideias e questionamentos. Partimos de temáticas, previamente apresentadas, no intuito de mover os encontros; promovendo trocas de saberes e fazeres e possibilitando formas coletivas de pensar, intervir, resistir e transformar o mundo. Nos encontros, de duas horas de duração cada, usamos o Google Meet. As e os convidados apresentaram temáticas que foram previamente enviadas aos cursistas, a fim de promover interações mais próximas entre todos e todas.

O primeiro encontro foi mediado por Débora Márcia Guerra, que trouxe o tema “Família”, a partir das músicas do grupo de Rap socialista “GGF A família”<sup>4</sup>, composto por ela, sua filha e seu filho. O Sarau foi aberto com a música “Trate com amor” para, em seguida, o «palco mosaico» (criado pelas telas das e dos integrantes do Sarau) tornar-se espaço de manifestação das participantes acerca do tema. Fomos levadas e levados à nossa infância e, claro, às nossas famílias; já que surgiram relatos, histórias e causos singulares.

O segundo encontro, com o tema “A arte que me toca”, foi mediado por Helen de Campos Haussmann, arte educadora, contadora de história e coordenadora de equipe do Programa de Iniciação Artística “PIA”, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Nesse dia, Helen de Campos nos provocou a compartilhar as manifestações e expressões artísticas que afetavam cada uma e cada um. Artesanatos, vídeos, músicas, poemas e até performance compuseram esse encontro, encharcado de memórias e lembranças afetivas.

No terceiro encontro do Sarau, Sálua Domingues Guimarães, professora aposentada da rede municipal de Campinas, homenageou Conceição Evaristo, trazendo os poemas e a história de vida da poeta e escritora. Durante todo o percurso, os escritos de Conceição Evaristo entrelaçaram-se com os contextos narrados pelas e pelos as(os) participantes.

Já no quarto dia de Sarau, foi a vez do artista plástico Franz Krajcberg ser homenageado, a partir da apresentação de Éder Rodrigues Proença, diretor de escola na Rede Municipal de Ensino de Sorocaba. Além de compartilhar trechos de sua Tese de Doutorado, baseada no artista plástico, nos contou também como o conheceu em uma das Bienais de São Paulo.

O quinto e último encontro foi mediado por Luiz Donizete Pinto Araújo, mais conhecido como Doni, arte-educador que nos convidou a refletir e compartilhar as fábulas de Esopo, além de problematizar a importância de contextualizá-las. A dinâmica que propôs, de acusação e defesa das personagens das fábulas, possibilitou reflexões e discussões de extrema importância para uma prática educativa entrelaçada à vida.

Serão apresentadas aqui algumas notas do processo, compilado resultante do que foi experienciado nos encontros, integrando uma composição estética e poética, vivida e composta no entre telas. São os «encantamentos do curso” que convidam a esta nova experiência, agora de incursão nos escritos avaliativos e

---

4. Mais sobre o grupo, em: <https://www.diadamusica.com.br/ggfafamilia>

nas produções apresentadas, nas diferentes linguagens da arte, que se entrelaçam também a alguns dos registros bibliográficos e artísticos que nos acompanham nessa caminhada. Dos encontros entre esses materiais, organizamos o presente artigo.

Traga-me um copo d'água

Tenho sede

E essa sede

Pode me matar (...)

*Gilberto Gil e Dominginhos, Tenho Sede*

Com poemas, canções, performances, fotografias, dramatizações, composições etc, trazidas pelas parceiras e parceiros de Projeto e pelos cursistas, buscamos ampliar repertórios; instigar reflexões; esperar ações e promover formas outras de estar e viver no e com o mundo, inspiradas no «fazer arte».

A arte do Sarau Virtual foi uma arte de rua, marginal e periférica, porque invade, provoca, ensina e convida a adentrar novas manifestações, intervindo na vida e no mundo. Arte das minorias, na qual, como escreve Gallo, “[...] o menor é reservado para o marginal, para aquilo que foge, que escapa, que fica à deriva...” (GALLO, 2014, p. 21); mas que, ao escapar, transborda e nos encharca de experiências e possibilidades de re-existência.

FļøřΘ Frasead, filha de Débora Márcia Guerra, nos provocou e encantou com sua arte periférica, no primeiro encontro. Moradora do bairro Tiradentes, em São Paulo, a poeta e cantora de rap testemunhou seu cotidiano de luta e seus modos de pertencimento. Ela escreve:

Slam: Mánhe

by: FļøřΘ Frasead

Meu lar é teu abraço onde está meu coração

Um guia pra minha alma, sua luz na escuridão

Mentora de uma vida o elo de união

Transcreve sua história de amor e evolução

A maior inspiração para todos os momentos

Equilíbrio da razão com os seus sentimentos

Lhe apresento a melhor amiga do tempo  
Seu espírito tão alto, bom e leve como o vento

Ainda sim é um ser humano imperfeito  
Que luta todo o dia contra seus defeitos  
Pra todas adversidades tem um jeito  
Transmite amor e só melhora seus efeitos

Palavras não são tão nobres para te contar  
Nem para agradecer a Deus por me abençoar  
Com ela que é a razão de meus sorrisos  
Por ver um ano de vitórias em sua vida se abrindo

Então voe mãe o mais longe que alcançar  
Vou estar aqui para lhe dar a mão sempre que precisar  
Por que eu sei que sempre acha a resposta  
E que com todas as vivências nunca me virou as costas

Parabéns para você por ser assim tão bela  
Eu me orgulho de ser filha de Debora Guerra  
É um tesouro que Deus marcou com um «X»  
Que encontra dentro de si mesma o preciso pra ser feliz  
(FRASEAD, s.d, s.p.)

O percurso, embora programado pela coordenação do Projeto, foi um território imprevisto e surpreendente. Em seu Escrito avaliativo, entregue aos organizadores do Sarau, a convidada Helen de Campos Hausmann, que mediu o segundo encontro, menciona a comoção que a tomou, durante e após sua participação. Ela nos conta:

Quando recebi o convite para mediar um dos encontros do Sarau promovido pelo núcleo de Arte e Infância da escola Paulistinha, não imaginava o quanto essa seria uma experiência que me traria tanta água e mataria a minha sede de gente e de arte. Desde o primeiro encontro, encantei-me com a disposição de

todas e todos. Disposição da proponente, dos participantes e até da plataforma, que naquele dia nos concedeu a honra de não “travar”. E os demais encontros que seguiram foram assim também. Repletos de olhares atentos e emocionados nos quadrados da tela, ouvidos espertos, canções sendo entoadas e risos... muitos risos. Conversamos de arte; compartilhamos belezas, respiros e suspiros. Experiência em que o falar sobre arte nos tirou por algumas horas do contexto difícil e amargo que vivemos em 2020, matando um pouco a nossa sede. E quando penso como resumir o que vivi com as noites de Sarau, o que vem é: Em cada noite de sarau muitas histórias sendo contadas e vividas. De cada um, De cada um todo... Meu verdadeiro agradecimento de ter podido viver essa potente experiência de arte e afetos. Helen (HAUSSMANN, 2021, s.p.).

Em seu Escrito avaliativo, o convidado Éder R. Proença, que mediou o quarto encontro, ressalta a dinâmica que se deu desde o convite, mobilizando sua escolha de apresentação. Éder Proença também destaca os efeitos sobre si, ao integrar-se à experiência. Ele registra:

Um encontro com Frans Krajcberg. Receber o convite da querida Andréia Camargo para mediar um dos encontros do Sarau Virtual e permitindo escolher um artista ou tema e a dinâmica a desenvolver, foi como um presente. Não tive dúvidas e propus que fosse Frans Krajcberg (1921-2017), o artista, que fugindo da Segunda Guerra Mundial, na qual perdeu toda a família, acabou vindo parar no Brasil, onde travou sua própria guerra, através da arte (fotografia, pintura e escultura), contra a destruição do meio ambiente. Preparar o sarau foi muito especial; me colocou diante dos registros fotográficos que eu guardo com momentos em que estive com o artista ou pude admirar sua obra e sua trajetória. O primeiro momento seria um “toró de ideias”, como se diz aqui em Sorocaba, para entender o que cada participante conhecia de Krajcberg; para o segundo momento, convidei a todos para vermos “Socorro Nobre”, filme de 1995, de Walter Salles, que nos brinda com o encontro de Maria do Socorro Nobre com o artista, primeiro pelas páginas de uma revista que lhe chega, quando era presidiária, no interior da Bahia. Encantada com a história do artista, ela lhe escreve cartas e é correspondida. No dia em que iria receber a liberdade condicional, Krajcberg foi recebê-la na porta do presídio. O filme sensibilizou a todos, e as conversas que se seguiram foram regadas pelas fotos que havia separado (coletadas da Mostra Frans Krajcberg: Natura, em 2008, na Oca – Museu de Arte Moderna de São Paulo; obras expostas na 32ª Bienal de Arte de São Paulo, “Incerteza Viva”, em 2016; e a visita ao Museu Frans Krajcberg, em Nova Viçosa, sul da Bahia, em 2018). O tempo passou ligeiro, e a última proposta que iria fazer, acabou ficando de fora, um convite para cada participante tecer um texto, poesia, desenho ou pintura a partir dos afetos propiciados por esse encontro com o artista dos vestígios – transformar madeira calcinada em arte, pesquisar suas próprias tintas a partir de elementos naturais, fazer sua própria casa na árvore e criar um pedacinho da Mata Atlântica para viver. Naquela noite, Krajcberg foi «socorro nobre» para cada um de nós, ainda mais pelos dias pandêmicos, que nos entristece pela falta de abraços e pela esperança que se esvai pela (des)governança do país. Sorocaba, 01 de abril de 2021. Eder Rodrigues Proença (PROENÇA, 2021, s.p.).



Figura 2. Casa na árvore, construída por Krajcberg, com projeto do arquiteto Zanine Caldas. Sítio Natura (BA). Foto de autoria não identificada. Fonte: <https://www.cauba.gov.br/nota-de-pesar-frans-krajcberg/>.

Movimentos de partilhar, sentir, deixar-se afetar pela arte e afetar foram sendo fomentados, encontro a encontro, no contato com criações em artes que nos tocavam e nos provocam a outras produções e afetações. A arte mobilizou diferentes linguagens, e nos convidou a produzir e re-existir no entre: das telas, das obras, das falas, das trocas, das percepções, das provocações, das sensações, dos encontros... Tomaz Tadeu (2002) pontua: “Cultivar os bons encontros. [...] Criar afectos e perceptos que, como as obras de arte, sejam como experiências de eternidade.” (TADEU, 2002, p. 56).

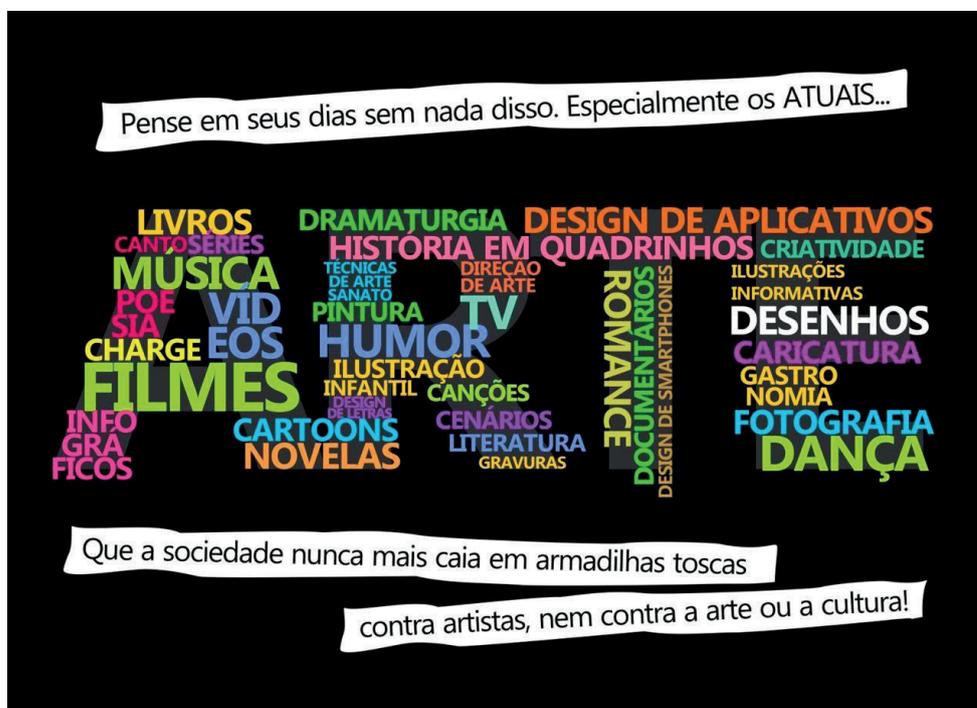


Figura 3. Sem título (2020). Arte de Camilo Riani, compartilhada no segundo encontro do Sarau Virtual. Acervo do artista.

Os encontros do Sarau Virtual, eternizando o momento, nos trouxeram as companhias de Conceição Evaristo e suas personagens Aramides Florença, Natalina Soledad e Isaltina Campos Belo, de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016). Essas presenças foram poetizadas nos Escritos avaliativos do convidado Sálua Domingues Guimarães, que mediou o terceiro encontro. Ela escreve:

Conceição Evaristo

escritora afro-brasileira contemporânea

escova memórias

ecoam palavras.

Becos da memória

Pobreza

Dor

Fome

enganosa-esperança.

Escrevivências

borram histórias da casa-grande.

olhos d'água.

insubmissas lágrimas de mulheres

Aramides Florença

Natalina Soledad

Isaltina Campo Belo

...

Histórias inventadas.

Sonhos?

Apagamentos?

Um Sarau.

Uma homenagem: Conceição Evaristo.

Um convite: compor silêncios, criar palavra-gesto, apanhar desperdícios.

Uma brincadeira: traga um fio (de linha, de tecido de lã etc...)

Inté,

Sálua Domingos Guimarães

São Paulo, primavera de 2020

(GUIMARÃES, 2020, s.p.).



Figura 4. Movimentos [2020]. Obra e fotografia produzidas no Sarau Virtual, por Sálua Domingos Guimarães.

Quando entrelaçamos aqui parte das nossas leituras conjuntas às obras produzidas, é perceptível como as linguagens foram sendo tramadas no Sarau Virtual. Aqui, retomamos um trecho, lido no encontro, em que a artista homenageada já nos indica a ampla possibilidade de cruzarmos inspirações, no corpo que dança e na palavra falada e escrita. Nas palavras de Conceição Evaristo: «Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo.» (EVARISTO, 2005, p. 202).



Figura 5. Rasgaduras (2020). Obra e fotografia produzidas no Sarau Virtual por Sálua Domingos Guimarães. Arquivo da artista.

Da obra de Rosana Paulino, as imagens de Bastidores (1997) trouxeram carnalidade às palavras do texto literário. Apresentada no terceiro encontro, elas dialogaram com os textos de Conceição Evaristo.



Figuras 6, 7 e 8. Série Bastidores (1997), da artista Rosana Paulino. Foto de Claudia Melo/Reprodução. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>

Quem anda no trilho é trem de ferro.

Sou água que corre entre pedras -

liberdade caça jeito.

*Manoel de Barros, Matéria de Poesia*

Por meio do espaço virtual, encontramos corpos ansiando e ensejando; corpos que almejavam liberdade de expressão e comunicação e que, mesmo isolados e, às vezes, doentes, ou ausentes por entre os entes, são corpos e vidas pulsantes e “aprendentes». Essa presença do corpo não escapou à avaliação - também poética - da coordenadora, nos escritos que emergiram no processo avaliativo dos coordenadores da ação. Para Andréia Regina de Oliveira Camargo:

Corpo doente

Corpo ausente

Corpo que sente

Corpo presente

Corpo vidas

Vida corpos

Corpos pulsantes

Corpos brincantes

Corpos arteiros

Corpos crianceiros

Vidas corpo

Corpos vida

Corpo singular

Corpos coletivos

Corpo experiência

Corpos resistência

Corpo

Corpos

Vida

Vidas

Movimento pulsante que nos convida: VIVA!

AROC - 06/12/2020

(CAMARGO, 2020, s.p.).

A escrita de Conceição Evaristo e as fotos impressas e bordadas de Rosângela Paulino, acreditamos, dialogam com movimentos de resistência, que também se deram nos encontros, quando promoveram espaços de escuta, de luto e de luta desses muitos «ninguéns» que, apesar do genocídio e da necropolítica que assolam o nosso país, persistem e insistem em insurgir. Eduardo Galeano, que também nos acompanhou nos Saraus, comenta a realidade desses “ninguéns”, acusando como são vistos, mas a quem a arte ajuda a despertar. O autor descreve:

As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chova ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito,

ou comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.

Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:

Que não são embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

(GALEANO, 2014, p.71)

A arte que vimos e produzimos perpassou histórias individuais e familiares; histórias demarcadas por classe, raça e gênero. Vidas e histórias também marcadas e afetadas pela dificuldade de acesso à produção, à criação e ao livre exercício da imaginação. No entanto, essas limitações estruturais não impossibilitam, tampouco determinam nossos fazeres e saberes. Cabe, mais uma vez, retornar ao relato de Conceição Evaristo:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela? [...] E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas (EVARISTO, 2018, p. 17-19).

O Sarau Virtual, embora de modo remoto, foi um convite para sairmos da solidão das telas, em busca da arte em suas diferentes linguagens. Um convite para lermos, pesquisarmos e apreciarmos escritoras, escritores, escultoras, escultores, músicos, musicistas; para conhecermos e criarmos fabulações, danças, escritas literárias, filmes e composições musicais. Depois, nos encontramos nas telas, mas para partilharmos nossas escolhas e criações: muitas criancices e invencionices povoaram os encontros. Nos escritos avaliativos do convidado Luiz Donizete Pinto Araújo, que mediou o último encontro, nos levou a refletir sobre o aprender, nas práticas da cultura popular e da oralidade, e o conhecer-se a si mesmo. Ele resume:

Participar do projeto arte e infância numa vivência que contou com experimentos sociais dentro das fábulas foi super gratificante; o grupo bem receptivo, o qual me levou a outras reflexões após a vivência, tais como: e se todos nós pudéssemos, de uma forma mais orgânica, conviver com nossas culturas dentro da oralidade e populares? Como seria nosso processo de reconhecimento identitário, e assim adiante? Agradeço muito pelo convite e espero somar em outros momentos nesta busca e fortalecimento da arte na primeira infância, como instrumento de enriquecimento e convívio entre todos nós. Doni (ARAÚJO, 2021, s.p.).

Dialogando com um Projeto de Extensão, as ações do Sarau buscaram entrelaçar arte e infância, considerando a área de atuação e de interesse das e dos participantes, no intuito de provocar e mobilizar pensamentos e ações coletivas. Foi espaço de formação inventiva, “[...] criada no contexto de análise e de intervenção permanente das práticas em nós de formar, de ensinar, de aprender e de desaprender, constituída na micropolítica do entrelugar escola e universidade” (DIAS, 2014, p.39). Por isso, não se separa do pensar sobre si, tampouco do aprendizado de si.

Para que esse movimento se dê, contudo, é preciso construir afeto e acolhimento. Nos Escritos avaliativos da convidada Débora Guerra, que mediu o primeiro encontro, vemos essa percepção. Ela destaca:

Participar do Sarau Virtual foi uma experiência surreal  
 Diversas pessoas de várias áreas e faixas etárias diferentes  
 Conectadas através de uma lente  
 Trocas de ideias e vivências  
 Momentos de descontração onde esquecemos nossas carências  
 Através do ouvir, dar atenção, estar atento e interessado  
 Sorrir e alegrar-se com quem está do outro lado, distante, isolado  
 O virtual tornou-se o nosso normal  
 E o Sarau virtual veio para nos conectar de um jeito ímpar  
 Com a simplicidade  
 Dando a oportunidade de compartilhar  
 Momentos, situações, por meio da nossa arte  
 Eu, Débora Guerra, sou grata por participar e por  
 Experimentar  
 Gratidão por ouvir, ser ouvida, e tão carinhosamente  
 Ser acolhida  
 (GUERRA, 2020, s.p.).

Para que serve a arte? A nossa arte serviu para que pudéssemos nos expressar, sentir e intervir pela música, dança, pintura, escultura, poema, cinema... Nas palavras de Camargo (2019): “Arte que perpassa e conecta corpo, cultura e todas as dimensões...” (CAMARGO, 2019, s.p.). Em nossa expressão, a arte operou

como resistência às tecnologias de poder; ou seja, uma arte que serve para escapar e transbordar; para criar linhas de fuga de modelos e fluxos que tentam nos aprisionar. Essa arte, em certa medida, possibilita condições, ou como resume Guattari, possibilita “[...] aos indivíduos adquirir meios de expressão relativamente autônomos e, portanto, relativamente não recuperáveis pelas tecnologias das diversas formações de poder” (GUATTARI, 1985, p.55).

Freire (1974), possivelmente, nos provocaria a pensar a arte “[...] servindo à libertação, se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeira dos homens sobre a realidade... como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora” (FREIRE, 1974, p.83). Como questiona Freire, para que serve a arte, se não para promover a libertação, voltando-se para a intervenção coletiva na realidade de todos? “Arte”, portanto, serve à liberdade, quando compõe-se com convite – encontros – resistência – transformação. Como resume Rosimeri de Oliveira Dias (2014), arte serve a uma «composição do entre». Em suas palavras:

Disponibilidade para o encontro, abertura aos desmanchamentos de formas, atenção ao presente, tessituras... Há que se produzir tessituras coletivas, ter ferramentas para estar em prontidão para o encontro – gestos, histórias, objetos, textos, conceitos, imagens... que se lançam nas composições do entre (DIAS, 2014, p. 45).

As manifestações artísticas que emergiram do Sarau Virtual, tanto as que já fazem parte do patrimônio cultural como as que foram criadas no decorrer do curso, ampliaram o repertório das e dos participantes nas diferentes linguagens da arte, como também organizaram espaços e tempos de partilhas, de expressões autônomas, de reflexões, de transformações criadoras e de conexões de corpos, mesmo que no meio remoto.



Figura 9. Oratório (2012), de Sonia Gomes. Foto reproduzida por ARTEVERSA. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/?p=1471>.

O Sarau Virtual foi um espaço de escuta e manifestação artística; um convite para dialogarmos com a arte e a infância. Instigadas e instigados com a formação estética, poética, arteira e «crianceira» de educadoras e educadores da infância, buscamos provocar e mobilizar pensamentos e ações coletivas, considerando a arte como potência para as produções e experiências que perpassam e conectam corpo, cultura e todas as dimensões do ser humano.

Das sessenta e uma inscrições feitas, vinte e oito participantes concluíram o curso, cumprindo no mínimo 75% de frequência. Em termos qualitativos, o curso transbordou os objetivos almejados, tecendo encontros potentes, que reverberam formas outras de estar no/com o mundo e com os outros. Nos escritos do coordenador Ítalo Butzke, que emergiram no processo avaliativo dos coordenadores da ação, é sensível essa mobilização do tempo, que se atinge por meio de uma arte que envolve as propostas de uma educação libertadora e moldada como re-existência, fazendo de nós seres cada vez mais humanos. Butzke registra:

Passado passarinho

Lembranças me percorrem

tempo em que, cruelmente,

prendíamos os passarinhos em gaiolas

para ouvir seus lindos cantos

ou seriam lamentações???

Agora nós estamos trancados

presos em nossas gaiolas físicas e mentais

lá fora escutam os passarinhos

que canto livre!

saudade do nosso passado passarinho.

(BUTZKE, 2020, s.p.)

O Sarau também promoveu encontros no «entre» da universidade. Sendo um espaço de ensino, pesquisa, extensão, estágio, formação e transformação do humano, a universidade também se abriu, circunscrevendo espaços possíveis e necessários para a arte. É preciso compreender, então, que nos Saraus Virtuais esse “entre” não foi uma simples indicação de espaços, mas um indício da multiplicidade de territórios e relações que se complementam, distanciando-se e assemelhando-se. Como um lugar múltiplo, criou-se nesse “entre» uma arte que, nas palavras de Deleuze e Guattari, “[...] é linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 208).

## Referências

ARAÚJO, Luiz Donizete Pinto. Escritos avaliativos, 2020. Material não publicado.

BARROS, Manoel. Matéria de Poesia. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BUTZKE, Ítalo. Escritos avaliativos, 2020. Material não publicado.

CAMARGO, Andréia Regina de Oliveira. Foto-grafando Infâncias: experiências imagéticas e poéticas e currículo na educação infantil. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2019.

CAMARGO, Andréia Regina de Oliveira. Escritos avaliativos, 2020. Material não publicado.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é filosofia? São Paulo: Editora 34, 2010.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. trajetórias poéticas por entre formação, arte e escola básica. In: RIBETTO, A. políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculo). Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. p. 34-47.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.

EVARISTO, Conceição. «Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face”. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Eliane (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2005, v. 1, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas Lágrimas de Mulheres. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GIL, Gilberto; DOMINGUINHOS. Tenho Sede. In: Refazenda, Prod. Mazola, Rio de Janeiro: Warner Music, 1975.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GALLO, Silvio. mínimo múltiplo comum. In: RIBETTO, A. políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculo). Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. p. 20-33.

GUATTARI, Félix. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUERRA, Débora. Escritos avaliativos, 2020. Material não publicado.

HAUSSMANN, Helen de Campos. Escritos avaliativos, 2020. Material não publicado.

PRADO, Patrícia D.; GOETTEMS, Milene B.. Educação Infantil: tempos e espaços para danças e infâncias. Revista Chilena de Pedagogía, 2019, Vol. 1(1), p. 36-53. Disponível em: <https://revistadepedagogia.uchile.cl/index.php/RCHP/article/view/55631>. Acesso em: 05 abr. 2021.

PROENÇA, Éder. Escritos avaliativos, 2021. Material não publicado.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. Educação & Realidade. Dossiê Gilles Deleuze. Porto Alegre, v.27, n.2, p.47-58, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25915>. Acesso em: 05 abr. 2021.

Submetido em: 10/04/2021.

Aceito em: 22/06/2021.